

MURO

grave, pois esse muro é uma absolutização de uma das maiores contradições do período atual: a maior concentração de riquezas já havida na história. O fato é que há, também, um “muro” entre Brasil e Estados Unidos. E entre nós e a Inglaterra, a França, a Alemanha etc”. Para eles, enquanto a circulação de mercadorias, capitais, informações e fluxos financeiros fica liberada no contexto atual, a dos homens é cada vez mais restringida.

MURO ÉTNICO Já o muro localizado no Oriente Médio, que adentra territórios palestinos ocupados por Israel teria outra natureza. “Esse é um muro étnico, da recusa de integração entre povos, da recusa da paz”, dizem os pesquisadores. Alegando questões de segurança, o governo de Israel está construindo uma barreira de mais de 700 km na Cisjordânia. Com exceção do governo norte-americano, as principais lideranças internacionais têm condenado, com alguma veemência, Israel pela construção do muro. A fronteira que ele estabelece vai além da chamada “linha verde”, marco internacionalmente reconhecido como limite de Israel. Em artigo intitulado “Muro, humilhação e roubo”, o lingüista e ativista político americano de origem

judaica Noam Chomsky questiona os argumentos de segurança para sua construção. “O que o muro realmente faz é tomar terras palestinas”, afirma. Segundo ele, a área que Israel está tomando para si possui os melhores recursos naturais da região. Os colonos israelenses instalados nesse território terão garantido o direito de uso da terra; já os palestinos precisarão reivindicar o direito de “viverem em suas próprias casas”, afirma Chomsky. Após a pressão internacional, Israel anunciou que alterará o desenho atual do muro, aproximando-o - mas não o igualando - da “linha verde”.

Rafael Evangelista

MUSEUS DE CIÊNCIA

Latino-americanos: muita criatividade, pouca organização

Contenção de recursos, pouca organização, criatividade de sobra e bons profissionais. Com essa composição de elementos, os centros e museus de ciência latino-americanos logram organizar exposições únicas, equiparando-se aos maiores e melhores do mundo. Este é o cenário traçado por Julia Tagüeña Parga, física e diretora-executiva da

Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e Caribe (*Rede Pop*). O desafio é popularizar a ciência no segundo continente com as piores condições do mundo neste setor. Há 12 anos à frente do Museu Universum, do México, Julia acredita na cultura científica como forma de tornar as pessoas mais tolerantes e, assim, fomentar atividades pacíficas.

Qual é a visão sobre a inserção da educação no Museu Universum?

JULIA: A concepção atual é de uma relação muito forte com a educação informal ou não formal, mesmo nos cursos que são dados nos museus. O museu permite às crianças seguirem um ritmo pessoal de aprendizagem. A função do museu é ser um detonador de interesses, dando-lhes a informação sobre livros ou atividades complementares. Outro trabalho importante é com os adultos que, a partir de uma certa idade, deixam de ir à escola e perdem o contato com a ciência. A ida ao museu pode detonar um processo de educação contínua. Existem museus mexicanos que têm convênios com escolas sem infra-estrutura e lhes oferecem laboratórios.

Um museu deve trabalhar a inclusão social?

Com os problemas sociais tremendos existentes em nossos países, penso que deve haver programas



Notícias do Mundo



Arquivo pessoal

Julia T. Parga, diretora da rede Pop

que saiam dos museus e visitem as comunidades, organizem projetos e exposições em lugares remotos. Parte do problema do Brasil e do México é que são países enormes, com muitas carências e dificuldades de locomoção. Então é importante existir museus que viajem pelo país, como projetos em *traillers*, que levam exposições até regiões mais remotas. São atividades sobretudo divertidas, para populações que não tem opções de lazer.

O que falta para as pessoas chegarem aos museus de ciência?

Uma opção é planejar visitas, como nos convênios com as secretarias de educação, que possam ser incluídas

em seus planos de atividades. Isso ocorre muito no México. Outro caminho é obter verbas para transporte das crianças de comunidades carentes aos museus. Além disso, deve-se adequar as visitas para cada grupo. Há um movimento muito forte nos museus no sentido de buscar saber o que o visitante deseja, visando atrair um público maior.

Como se dá o intercâmbio com a Associação Norte-Americana de Centros de Ciência (ASTC)?

Em geral, as pessoas que trabalham em museus de ciência de qualquer parte do planeta são colaboradoras. Na filosofia de trabalho está implícita a questão da inclusão social, que

preocupa todos os museus. Um grande centro de ciências [nos EUA, por exemplo] tem visitantes de diferentes origens e, por isso, há interesse em aprender, conhecer e colaborar com a América Latina, justamente para entender esse tipo de visitante mesclado, que é nossa característica contínua. Os EUA podem ter menos problemas econômicos, mas têm grandes problemas de diferenças culturais. Acredito que os processos de paz mundial têm muito a ver com o conhecer. O conhecimento entre as pessoas fomenta atividades pacíficas.

Como trabalhar a relação entre arte e ciência na divulgação científica?

Arte e ciência têm, em comum, seus processos criativos e a busca de padrões: o cientista os encontra, o artista os cria. A arte envolve emoções e, portanto, quando existe algo de artístico em uma exposição científica, ela pode, por meio da emoção, mostrar a ciência às pessoas de uma outra maneira.

Os Estados Unidos tendem a usar a linha hands on, o caráter interativo nos museus. Qual o caminho escolhido no Museu Universum?

Para evitar o perigo das exposições não serem nada mais do que tocar botões, entendo interatividade num sentido mais amplo. Para o visitante sentir-se um pouco cientista é necessária uma certa



atividade e não apenas o observar. A América Latina tem uma originalidade muito particular que se deve cultivar. Os museus norte-americanos, por exemplo, são parecidos entre si; na América Latina, que tem menos organização e dinheiro, os museus não se parecem. O Brasil, por exemplo, tem muitos museus pequenos e essa é uma boa estratégia, porque a divulgação pode estender-se por diferentes lugares. No México seguimos um outro caminho, criando museus mais espetaculares. Hoje, porém, estamos buscando fazer casas de ciência e museus um pouco menores, que abarquem todo o país.

Dentro dos museus de ciências como se dá o diálogo entre o que é científico com o que é cultural?

Deve-se ter componentes culturais, porque ciência é cultura. Mas temos que ser muito rigorosos e acadêmicos, no que se acredita ser conhecimento científico, porque a pseudociência é muito mais fácil de transmitir e muito mais popular. Esse é o fio da navalha. É preciso respeitar o conhecimento tradicional sem cair no charlatanismo. Como se faz? Com critério e cuidado para não criticar certo tipo de visão há muito tempo ligadas à nossa história. Criamos no museu uma seção chamada “os conselhos da avó”, com conselhos de cozinha que as



Arquivo pessoal

donas de casa seguem. Isso não é pseudociência, é o que se aprendeu por experiência. É preciso, também, deixar claro nas exposições

que a ciência não é absoluta e nem está terminada.

Germana Barata e Daniel Chiozzini

REDE DE MUSEUS NA AMÉRICA LATINA

A Rede Pop (www.redpop.org) foi criada em 1990, durante o Programa de Ciência e Tecnologia da Unesco, para incentivar o fortalecimento e a cooperação das instituições associadas. Atualmente, reúne cerca de 40% dos museus e centros de ciência da América Latina como membros e integra um fundo da Unesco para popularização da ciência, o que permite financiar alguns projetos na área. No cenário mundial, a América Latina aparece logo depois da África, cuja rede é quase inexistente, com apenas três museus. “Apesar de sofrermos com a falta de infra-estrutura, atingimos grandes êxitos simplesmente pela vontade das pessoas, porque existe muita solidariedade e muita garra em fazer as coisas, um desejo de ajudar a sociedade e uma vontade comunitária”, diz Julia, diretora-executiva da rede Pop.